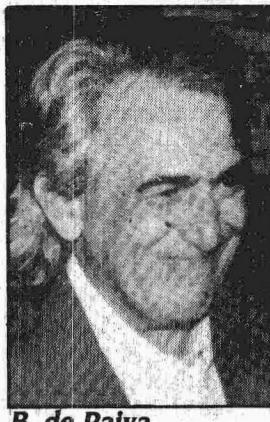


## CONSELHO DE CULTURA VIRA REALIDADE, MARCA 1ª REUNIÃO E PRETENDE COLOCAR BRASÍLIA EM TRABALHO DE PARTO



B. de Paiva



Maria Duarte



Tetê Catalão



Nélio Lúcio



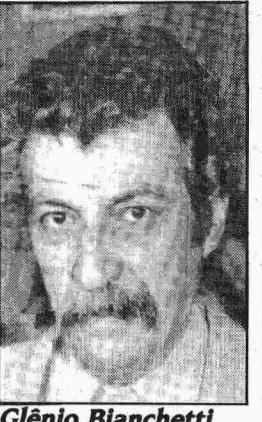
Chico Morbeck



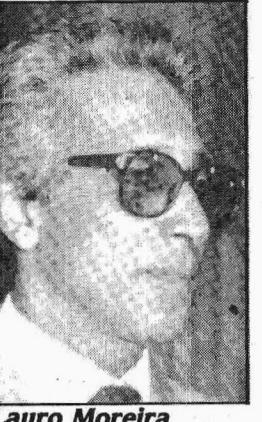
Jorge Antunes



Cesar Baiocchi



Glênio Bianchetti



Lauro Moreira

## MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

Dezoito meses depois de idealizado por artistas e agitadores culturais brasilienses, o Conselho de Cultura do DF foi, finalmente, empossado. A cerimônia aconteceu no Salão Nobre do Palácio do Buriti, na tarde de ontem, em meio a muita gente, muito barulho, muito calor, muita conversa e três discursos: um, enorme, de B. de Paiva, que falou em nome de seus pares; um médio, de Márcio Cotrim, secretário de Cultura e Esportes, e outro, curto, do governador Wanderley Vallim. A cerimônia que deveria começar às 15h00 sofreu atraso de 25 minutos. Estava previsto que duraria 40 minutos. Durou 95. Primeiro porque B. de Paiva deu vazão à sua veia condoreira e não se incomodou com o desconforto e calor que atormentavam o Salão lotado. Segundo porque a primeira dama, Regina Valim, que é cantora amadora, chegou às 17h05. O assessor da chefia de cerimonial, Osiran Lima, resolveu, então, solicitar ao Madrigal de Brasília que apresentasse novos números. O maestro Emílio de Cesar atendeu, cordial, à convocação e o Madrigal cantou satisfeita.

**Ausências** — O Conselho de Cultura é um organismo de consultoria e normatização. Ele atuará como "Senado Romano" da área cultural. Ninguém pense que de suas reuniões sairão deliberações sobre pequenos projetos, ou seja, verba para festival de pipas, mostra de artesanato, ou festival de canções. Esta tarefa cabe ao Conselho Deliberativo da Fundação Cultural.

O Conselho de Cultura do DF compõe-se com 21 membros sendo três natos (o secretário de Cultura, Márcio Cotrim; a secretária de Educação, Malva Queiroz, e a diretora-executiva da FCD, Sônia Moura); nove membros efetivos (seis eleitos pela comunidade: Tetê Catalão, B. de Paiva, Maria Duarte, Nélio Lúcio, Chico Morbeck e Jorge Antunes; e três indicados pela Secretaria de Cultura: Glênio Bianchetti, Lauro Moreira e César Baiocchi), e nove suplentes (os eleitos Wladimir Murtinho, Plínio Mósca, Adelaide Corte, Heron Santiago e Carlos Augusto Pereira, e os indicados Cristovam Buarque, Esther Barreto, Jesiel Motta e Víctor Alegria).

Só dois conselheiros não compareceram à cerimônia de posse: o titular Jorge Antunes e o suplente Cristovam Buarque. De qualquer forma, eles serão convocados para a primeira reunião do Conselho, que acontecerá na próxima sexta-feira, às 9h00, na sala do Conselho Deliberativo da Fundação Cultural.

Para o conselheiro Tetê Catalão, o mais votado pela comunidade no Seminário Cultural, realizado em março de 89, a primeira reunião deverá discutir temas prementes como o Regimento Interno, a eleição do presidente (B. de Paiva foi escolhido em caráter provisório, por ser "o mais idoso dos eleitos"), e cronograma de trabalhos (reuniões quinzenais na primeira fase).

Chico Morbeck, por sua vez, avisa que colocará em pauta quatro temas, todos ligados às cidades-satélites: a criação da Casa de Cultura, a democratização da Casa do Cantador, a necessidade de implantação de um cinema na cidade (Ceilândia) e análise de Convênio entre a FEDF/FCDF para direção conjunta do Teatro da Praça (Taguatinga). "O convênio anterior entregava o Teatro à Fundação Cultural. O novo dá metade para a Cultural e metade pa-

## Um passo... a posse



Didi Samudio

Solenidade de posse no Buriti: Wanderley Vallim abre a cortina para um ato que vai evitar preconceitos e favoritismos

## Perfis

**B. de Paiva** — 57 anos, presidente provisório do Conselho de Cultura. Ator, diretor e professor de teatro. Foi o primeiro secretário de Cultura do País (no Ceará) e dirigiu a Uni-Rio.

creveu o Conselho de Cultura. Foi chefe-de-gabinete e figura chave na gestão de Luiz Humberto à frente da Fundação Cultural, em 1985. É editor-assistente do Caderno 2, do Jornal de Brasília.

**Nélio Lúcio** — 37 anos — Ator de teatro e coordenador do Movimento Cabeças, responsável pelos Concertos ao Ar Livre, uma das marcas desta cidade de grandes áreas verdes. Foi assessor de Projetos Comunitários na gestão Luiz Humberto. Agora, na gestão Cotrim, está retomando o projeto dos Concertos ao Ar Livre.

**Chico Morbeck** — 35 anos. Ator e diretor teatral. Professor de Educação Artística na FEDF. Fundou e dirigiu o

Grupo Favela de Teatro Popular, em Ceilândia. Hoje, integra o Grupo Mandacaru, que trabalha com o tríptico Política, Cidadania e Cultura, e dirige o mais antigo espetáculo teatral da cidade: Os Saltimbancos, em cartaz há 12 anos.

**Jorge Antunes** — 49 anos. Compositor, maestro e professor da UnB. Militante do Movimento Verde e defensor ativo da Música Contemporânea.

**César Baiocchi** — 62 anos. Médico e empresário. Membro da Academia Goiana de Letras. Nasceu em Goiás Velho e chegou a Brasília em 1962. É presidente do Centro Cultural Cabeças e um de seus fundadores.

**Glênio Bianchetti** — 62 anos. Gaúcho de Bagé, em Brasília desde 1962. Pintor e professor de Artes Plásticas. Fundador da Universidade de Brasília. O pintor avisa que foi indicado para compor o Conselho pela Associação de Artistas Plásticos do DF e que representará os interesses de sua categoria.

**Lauro Moreira** — 50 anos. Diplomata chefe da Divisão de Informação Comercial do Itamaraty Antes, foi titular da Divisão de Difusão Cultural, no mesmo órgão. Lauro avisa que participa do Conselho em caráter pessoal e não como representante do Ministério das Relações Exteriores.

ra a Educacional. Nós, artistas, sabemos que esta divisão de espaço não funciona, pois as atividades didáticas acabarão impedindo ensaios".

B. de Paiva, o presidente provisório do Conselho, propõe que na reunião de sexta-feira os conselheiros, já empossados, releiam o documento *Diretrizes para uma Política Cultural no DF*, elaborado em março/abril de 89. "Vamos rediscuti-lo. Chico Morbeck se atrasaram. Chegaram juntos. O Cerimonial solicitou que a secretaria assinasse o termo de posse, mas não deu o mesmo direito a Morbeck. Ele teve que assinar o livro após o término da cerimônia.

**Os discursos** — A cerimônia de posse começou com o locutor Paulo Do-

mingues anunciando as autoridades presentes e os nomes dos conselheiros natos, efetivos e suplentes. À medida que o nome era pronunciado, o conselheiro assinava o termo de posse. Fora as ausências de Jorge Antunes e Cristovam Buarque, só um fato curioso chamou atenção dos mais atentos: a conselheira Malva Queiroz, secretária de Educação, e o ator Chico Morbeck se atrasaram. Chegaram juntos. O Cerimonial solicitou que a secretaria assinasse o termo de posse, mas não deu o mesmo direito a Morbeck. Ele teve que assinar o livro após o término da cerimônia.

Depois das assinaturas, B. de Paiva foi convidado a falar em nome de seus pares. O ator e diretor teatral cearense falou de improviso. Com suas memórias inesgotáveis passou pela cultura artística e cívica do país, desenhando jogos de palavras. Lembrou que a bandeira brasileira foi criada por um francês (Debret) a pedido do imperador e que o Hino Nacional inspirou-se numa "musiqueta" também francesa. Falou, com emoção condoreira, da necessidade do país forjar sua identidade cultural. Destacou que "o Conselho de Cultura é uma estrutura nova que se instala em

momento dos mais importantes". Foi sincero quando avisou estar entre conselheiros, alguns de rostos conhecidos. Os repórteres culturais, aliás, tiveram enorme dificuldade em descobrir quem era Leônio Jesiel Santos Motta. Nem os assessores de Márcio Cotrim o conheciam.

Dispersivo, B. de Paiva passeou por suas memórias, lembrou a cerveja que tomou com José Lins do Rego, no Amarelinho, indagou se Riacho Doce, mini-novela global tem algo a ver com o universo do escritor paraibano, para concluir que o falar dos atores "nordestinos" do folhetim

foi uniformizado. Eles não têm sotaque.

Lembrou "a invasão de Granada e do Panamá, esquecida neste momento em que só se perisa na invasão do Iraque". Não podemos nos esquecer, frisou, "que somos um continente assassino, que matou e continua matando todos os seus índios".

Para B. de Paiva, Brasília, cidade plantada no centro do país nos faz lembrar que "somos Brasil, somos brasa, somos asa". Lembrou reunião na Casa da Cultura da América Latina, onde se discutiu o conceito de cidade-satélite. "Satélites como, se elas são o verdadeiro desenho do país? Nós somos apenas um plano piloto".

Avisou que todo cuidado é pouco, pois Conselhos, se não forem bem cuidados, podem transformar-se em organismos descharacterizados ou autoritários. Iogou farpas sobre as Academias de Letras, que "acolheram medalhões como Getúlio Vargas e Adelita (nome literário do General Lyra Tavares)". Prometeu não se esquecer do "sonho, da senha, do sinal" e contribuir para a construção da identidade de brasileira.

Márcio Cotrim foi mais cauteloso: leu um discurso de duas páginas, dando ênfase às realizações de sua gestão, que vem corrigindo trapalhadas anteriores (Lais Aderne, que o antecedeu, estava lá, misturada entre a platéia).

"O Conselho de Cultura resgata mais um dos compromissos que assumimos quando tomamos posse em abril último. Sabímos que nossa gestão seria curta e que, por isso mesmo, o trabalho além de intenso, deveria ser rápido, ágil e dinâmico para que pudéssemos obter resultados concretos e positivos. Impunha-se, também, a busca da paz cultural em Brasília".

Cotrim partiu, então, para anunciar que "nossos eapãos têm acolhido platéias imensas e vibrantes. Descobrimos, na prática, que a receita de nossas bilhetes rias pode ser maximizada e os resultados são eloquentes: nos últimos cinco meses a arrecadação conheceu aumento de 600% em relação ao período anterior e as verbas estão sendo replicadas democraticamente em novos projetos, sobretudo aqueles idealizados em Brasília".

O governador Vallim falou de improviso. Foi conciso, e avisou que "o Distrito Federal vive um novo estágio". Neste "estágio novo, o Conselho de Cultura atuará para nos auxiliar na definição de prioridades. Sua estrutura é democrática e paritária". Forçou por "um mandato de marcantes realizações" para os conselheiros e tocou num dos múltiplos assuntos levantados por B. de Paiva: "O Nacionalismo é feito de coisas simples. Quando formos a fonte e nos deparamos com nossos irmãos mais necessitados veremos então uma Pátria totalmente patriótica. Não adianta culpar empresários ou executivos. O que importa é o trabalho profícuo. É ele que construirá um Brasil desenvolvido".

O Madrigal começou, então, a cantar. Depois de muito barulho — inclusive irritante microfonia no serviço de som do Palácio do Buriti — iniciou-se nos versos de Carinhoso, de Pixinguinha e João de Barro. Só que um ônibus despejou vinte e tantas missas nos jardins do Palácio Grande parte do público foi admirar as moças, que posavam para a posteridade em frente à Loba Romana, presente doado pela Itália ao Brasil. O barulho interno só aumentou. O Madrigal cantou mais três ou quatro números e o locutor anunciou o fim da cerimônia.